

# ESCALAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA

Helena Copetti Callai

Bolsista PQ-CNPq

Unijui- Ijuí RS

helenac@unijui.edu.br

A toca do coelho se alongava em linha reta como um túnel, e de repente abria-se numa fossa, tão de repente que Alice não teve nem um segundo para pensar em parar, antes de ver-se caindo no que parecia ser um poço muito profundo.

.....

Só queria saber quantos quilômetros já desci esse tempo todo- disse em voz alta- Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe ver: deve ter sido mais de seis mil quilômetros, por aí... sim deve ser mais ou menos essa a distancia...mas então qual seria a latitude ou longitude em que estou?

....

Só queria saber se vou passar direto através da Terra! Seria engraçado sair bem no meio da gente que anda de cabeça pra baixo”

Aventuras de Alice- Lewis Carrol

## Introdução

A discussão que se coloca muito comumente na geografia em especial nas aulas é sobre como selecionar os conteúdos a serem trabalhados. E esta seleção se pauta por varias possibilidades: seguir o livro didático, ter as bases a partir do Plano pedagógico da escola e dentro dele as definições que estabelecem o conteúdo da disciplina, os programas oficiais a partir de orientações curriculares nacionais e/ou estaduais, os exames de avaliação sejam nacionais ou aqueles que são estabelecidos por determinada universidade para ingresso no curso superior, planejamento do professor diante das demandas que ele reconhece como importantes. Estas alternativas podem ser assumidas exclusivamente uma delas ou mescladas entre si.

Constatando que esta realidade demarca um dos problemas da geografia escolar, a intenção deste texto é abordar um aspecto metodológico que pode servir de critério para seleção do conteúdo e de orientação para abordagem do mesmo.

Trata-se, neste momento, apenas de uma discussão de encaminhamento metodológico que requer maior e consistente tratamento teórico da questão, o que é intenção futura a partir da discussão deste. O assunto é a *Escala de análise geográfica*, que abordo a partir de textos escritos a mais tempo por mim e levantando questionamentos diante da realidade atual.

## A geografia escolar

A geografia ensinada afora outras características que a demarcam, tem uma especificidade que nos é cara. É o fato de ser uma disciplina que abre as perspectivas para compreender os fenômenos sociais a partir de sua espacialização. Isso remete a necessidade e importância de que o aluno aprenda a trabalhar com a representação espacial dos fenômenos e ao mesmo tempo, que consiga ter as ferramentas intelectuais para fazer a leitura do espaço. Neste contexto está imbricada a questão da seleção dos conteúdos e, os critérios para, além da escolha também considerar a forma de tratamento dos mesmos. Não raro surge o questionamento sobre se o critério básico da seleção do conteúdo escolar é a partir de um espaço ou de um fenômeno.

Neste conjunto de questões reside a preocupação expressa neste texto que pretende discutir um dos aspectos pertinentes ao ensino de uma disciplina escolar que deve considerar o aluno e a sociedade em que ele vive, esta (sociedade), envolvendo toda sua complexidade. Depreende-se daí que esta disciplina escolar não pode tratar de coisas alheias, distantes e desligadas da realidade.

Há mais tempo, ao trabalhar com as questões metodológicas da geografia, já acen- tuava que a matéria e conteúdo escolar

não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares /partes do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou fragmentos do espaço. (CALLAI: 1988. p.58)

Avançando nessa interpretação e inclusive questionando - me sobre a superação desta forma de entendimento da geografia escolar, posso constatar ainda hoje que a realidade de ensino pouco mudou. Muitas questões se colocam para tentar entender porque uma ciência que tem avanços tão significativos em sua história consolidando-a como uma importante forma de entender o mundo, com aportes teóricos que fazem avançar a pesquisa, com a interpretação do mundo a partir de critérios científicos e que alçam a Geografia a um patamar de cientificidade, enfim,...por que a disciplina escolar que dela decorre é ainda tão insignificante no contexto escolar.

Diante dessas constatações deve-se perceber que o fato de não haver o reflexo da ciência, alterando a disciplina, pode significar aquilo que muitos pesquisadores estão indicando: a diferença entre ciência e disciplina escolar. Fica claro, atualmente, que a ciência e a disciplina escolar geografia são diferentes, mesmo que numa matriz comum que lhes dá a origem. Não são duas geografias, são duas formas de trabalhar a temática, e na medida em que a ciência responde aos problemas postos pela humanidade e que tem seu aparato científico para tal, a disciplina escolar trata destes temas com gente que está na escola e que precisa conhecer o que a humanidade produziu para ter a sua inserção neste mundo. Se for preciso ter acesso ao conhecimento para se constituir em sua humanidade, a questão que se coloca é se a geografia escolar consegue fazer frente a este desafio. Conforme Savater:

...el aprendizaje a través de la comunicación con los semejantes y de la transmisión deliberada de pautas, técnicas, valores y recuerdos es proceso necesario para llegar a adquirir la plena estatura humana. Para ser hombre no basta nacer, sino que hay también que aprender. La genética nos predispone a llegar a ser humanos pero sólo por medio de la educación y la convivencia social conseguimos efectivamente serlo. (SAVATER: 2006,p. 37)

.....

Por decirlo de una vez: el hecho de enseñar a nuestros semejantes y de aprender de nuestros semejantes es más importante para el establecimiento de nuestra humanidad que cualquiera de los conocimientos concretos que así se perpetúan o transmiten.(idem: p. 31)

A grande pergunta é se a geografia está conseguindo contribuir para tanto, diante do que se espera da escola. Se o fato de faltar clareza explícita sobre o que sejam os conteúdos da geografia escolar impede que os avanços da ciência cheguem até a escola, é premente a necessidade que temos como pesquisadores desta área, em aprofundar a epistemologia da educação geográfica, no sentido de perceber e reconhecer a natureza, as etapas e os limites da mesma. Savater afirma que:

El profesor que quiere enseñar una asignatura tiene que empezar por suscitar el deseo de aprenderla: como los pedantes dan tal deseo por obligatorio, sólo logran enseñar algo a quienes efectivamente sienten de antemano ese interés, nunca tan común como suelen creer. Para despertar la curiosidad de los alumnos hay que estimularla...; hay que ser capaz de ponerse en lugar de los que están apasionados por cualquier cosa menos por la materia cuyo estudio va a iniciarse. Y esto nos lleva a la equivocación metodológica de la pedanteria: enpezar a explicar la ciencia por sus fundamentos teóricos en lugar de esbozar primero las inquietudes y tanteos que han llevado a establecerlos. Cada ciencia tiene su propia lógica epistemológica que favorece el avance de la investigación en ese campo, pero esa lógica casi nunca coincide y en muchos casos difiere radicalmente de la lógica pedagógica que debe seguirse para iniciar a los neófitos en su aprendizaje. (SAVATER: 2006,p.123)

Naquele mesmo estudo (de minha autoria) referido anteriormente dizia que:

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento. Não é aquela geografia que mostra um panorama da terra e do homem, fazendo uma catalogação enciclopédica e artificial em que o espaço considerado e ensinado é fracionado e parcial e onde o aluno é um ser neutro, sem vida, sem cultura e sem história. O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico. (CALLAI:1988, p. 58)

Hoje verificando nas escolas e nos manuais escolares percebe-se que ainda é este o quadro encontrado. O que falta então? Qual o desafio?

Fazer da geografia um conteúdo com vida para a vida dos alunos se torna fundamental. A escola também não é neutra-ela existe a partir dos professores que ensinam, dos alunos que aprendem e dos conteúdos que são trabalhados. Quer dizer- o acesso ao conhecimento que a humanidade produziu passa a ser o meio de fazer com que os alunos construam a sua humanidade, se tornem gente.

E, para a geografia neste contexto cabe dar conta de cumprir o seu papel. Antes, porém de entrar nessa discussão caberia ainda uma digressão. Não é uma questão supérflua, mas sim uma forma de entendimento, de parte do professor que atua na educação básica e daqueles que fazem a formação docente nos cursos superiores. Ouso afirmar numa metáfora (e parodiando) a partir de afirmação antiga do francês Lacoste- que a Geografia dos professores é inútil e a geografia dos estados maiores é que é importante. Esta trabalha com os temas importantes para compreender a espacialidade e para fazer o planejamento enquanto aquela ensina coisas quase que sem sentido...sem nexos, desconectadas da vida e desconsiderando a espacialidade que vivem as pessoas.

A pesquisa acadêmica e também aquela ligada ao planejamento que fazem em seus âmbitos devidos avançar a ciência, não consegue chegar na escola. Os reflexos que recaem sobre a geografia escolar são desconectados e fragmentados e de difícil resultado afirmativo. Isso reafirma que são duas formas de fazer geografia- uma da ciência e a outra a da escola. Se fosse uma apenas, a transposição direta da ciência para a escola poderia ser eficaz, o que não é. A transposição didática, a partir das inovações e dos avanços da ciência, passando pelo saber que circula na universidade, e por aquele saber que sustenta a elaboração dos textos didáticos- os manuais escolares- poderia chegar a escola. No entanto esta passagem não é simples, mas é com certeza muito complexa. Este tipo de interpretação desconhece a dimensão de espaço e tempo no mundo atual, considerando a velocidade da informação, o papel das mídias, da internet, a construção histórica do professor que se constitui na construção dos seus saberes, além do contexto escolar e do lugar em que está a escola. Todos estes aspectos interferem na escola, e como tal na condução das propostas de trabalho e ao acesso dos alunos ao conhecimento. Pode-se afirmar, portanto que a geografia escolar é construída na escola, e que a dificuldade de avanços (nesta), a partir das

inovações da ciência geográfica está estreitamente ligada à dificuldade de que ocorra esta transposição. Precisamos dedicar atenção, a esta problemática e, no meu entendimento, não para facilitar a transposição, mas para fundamentar a educação geográfica em seus princípios, considerando o tempo (histórico) e o espaço (lugar em que está a escola), aliados aos sujeitos envolvidos.

Os professores têm uma formação muitas vezes inadequada diante das formas de abordagem das temáticas na universidade e se debatem no exercício profissional entre o livro didático que responde a parâmetros definidos a partir da ciência, do regramento das políticas públicas e das condições efetivas de trabalho. Muitas proposições (externas) não são entendidas, e os livros texto, por maior esforço e atenção, que tem se dedicado a estes, ainda não conseguem ter a perspectiva pedagógica que informe e referencie o trabalho.

Este problema se constitui como uma necessidade urgente de investigação científica para encontrar alternativas adequadas para que o ensino seja reflexo dos avanços da ciência, mas considerando a realidade do ensino e da educação em geral, no nosso caso na construção de uma educação geográfica.

## A escala de análise como possibilidade de tornar significativo o ensino de geografia

Uma das questões a que nos remete a escrita deste texto diz respeito a um problema recorrente no ensino da geografia- que é a escala de análise a ser adotada. Ela diz respeito a que recortes espaciais considerar no estudo de geografia. Na medida em que a geografia estuda o espaço tendencialmente o recorte espacial determinaria o que estudar. Hoje não se considera exatamente assim e esta é a questão aqui discutida.

No texto acima referido e que serve, neste momento de base para repensar a questão, questionava: *“Qual o espaço a ser estudado? Que recortes fazer? Quais os critérios que estabelecem estes recortes? Como considerá-los?”* (CALLAI: p. 59) A partir daí a discussão se coloca na perspectiva de como definir o que *deve* e *como* ser estudado em geografia. Partindo de que não é o recorte que deve definir o conteúdo, a discussão entra necessariamente na temática a ser considerada. E esta deve ser localizada espacialmente.

Os fenômenos acontecem no mundo, mas são localizados temporal e territorialmente em um determinado “local”. Isto quer dizer que os fenômenos que acontecem em certos lugares e em determinados períodos tem influencia noutros lugares e noutros períodos, inclusive. As explicações, sejam sociais, econômicas ou naturais (no sentido de espaço físico), podem ser buscadas no lugar em si, mas não se esgota nele apenas. Outros níveis de análise devem ser considerados ou esgotados. Caso contrario há o risco de explicações simplistas, que não abarcam toda a análise necessária e que justificariam, de forma natural, problemas que são essencialmente sociais ou que decorrem de situações sociais. (CALLAI: p. 59)

Esta relação entre os diversos níveis de análise para fazer a interpretação da realidade e compreender os fenômenos sociais que estamos vivenciando exige que seja numa perspectiva que incorpore o movimento contraditório em toda a sua complexidade. A superação da linearidade na interpretação exige compreender este movimento e avançar na análise de modo a não se prender em causas e efeitos. Milton Santos (2000) sugere a superação do pensamento único, em busca de um pensamento universal, e este pode ser o desafio que sustenta a análise geográfica.

Um lembrete ainda, nesta perspectiva, é importante, e diz respeito aos estudos do lugar como concepção metodológica linearizada, quer dizer- sempre partir do lugar para ir mais adiante ampliando os espaços. Essa forma de interpretação nega a complexidade e desconsidera a capacidade de desenvolvimento cognitivo dos alunos, na medida em que postula a idéia de que sempre se deve verificar o que está próximo para seguir adiante em espaços maiores. No meu entendimento o lugar é um conceito que precisa estar presente em toda a análise geográfica e como tal passa a ser um **elemento da escala de análise**, em que se constitui com a perspectiva social e espacial, onde os fenômenos podem estar localizados, ou que são utilizados como ferramenta intelectual para interpretar os fenômenos e o mundo: o local - o regional - o nacional - o mundial/global.

Num texto que aborda o estudo do município afirmava que, estudar o município ou a cidade onde o aluno vive pode ser um convite a compreender melhor e com mais interesse os fenômenos sociais e a sua expressão espacial:

O estudo do município permite que o aluno constate a organização do espaço, que possa perceber nele a influência e/ou interferência dos vários segmentos da sociedade, dos interesses políticos e econômicos ali existentes e também de decisões externas ao município, confrontando-as inclusive com interesses locais e da população que ali vive.”(CALLAI: 1988 p. 81)

...

cada fenômeno estudado deve considerar sempre que tal como se apresenta não esgota todas as possibilidades de explicações. Muitas vezes, a explicação de algo muito próximo está distante noutro nível de escala. Portanto ao estudar o local, não se pode perder de vista o regional, o nacional e o mundial. Este movimento faz da análise de qualquer fenômeno, ou mesmo de algum espaço, a diferenciação necessária e a amplitude de tratamento das questões. Supera-se a simples descrição e o tratamento simplório, ao buscar referências maiores que permitam entender o fenômeno em uma dinâmica que é a própria vida. (CALLAI: 1988 p.80)

Esta perspectiva de análise diz respeito a considerar o estudo do lugar, como algo significativo para a aprendizagem da geografia – para chegar àquilo que entendemos que deve ser a educação geográfica. No entanto não se pode descuidar que este nível de escala não necessariamente é o ponto de partida. Se a organização do estudo parte do município

há que sempre fazer as referências para espaços maiores nos demais níveis de escala de análise, pois,

Un planeta que se vuelve cada vez más conflictivo, no sólo a escala internacional, sino en el interior de los países, en el entramado social de las grandes urbes, en el ámbito familiar... necesita una educación para la comprensión mutua entre los humanos (tanto próximos como extraños), lo que requiere una verdadera reforma de las mentalidades a escala planetaria. (GARCIA PÉREZ: 2005,p.5)

## Para pensar o ensino de geografia

Num esboço preliminar levanto elementos que são significativos para trabalhar o ensino de geografia numa perspectiva de educação geográfica. Estes elementos precisam ser aprofundados, para caracterizar o significado dos mesmos e a dimensão de sua presença para uma geografia escolar significativa. São eles:

1. Critérios para definir os conteúdos da geografia escolar
2. Olhar espacial
3. Análise geográfica
4. A dimensão histórica na geografia
5. O cotidiano
6. Os conceitos científicos
7. Observação e descrição
8. Comparação e correlação
9. Sínteses

Estes aspectos não esgotam a questão, e podem ser acrescidos outros diante da discussão que seja possível levantar.

## Para encerrar

cada lugar tem uma força, tem uma energia, que lhe é própria e que decorre do que ali acontece. Esta não vem de fora, nem é dada pela natureza. É resultado de uma construção social, na vivência diária dos homens que habitam o lugar, do grau de consciência das pessoas como sujeitos de um mundo em que vivem e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida. (CALLAI:2000, P 120).

Considerando que a escala de análise é um dado fundamental para ensinar geografia - o local, regional, nacional e global -, devem estar sempre presentes em toda a análise de qualquer fenômeno. Não é o caso de partir sempre do lugar próximo, mas de saber

transitar entre os níveis de análise de modo a fazer a interpretação de fenômeno que esta sendo abordado, envolvendo toda a complexidade que ele possui.

Por isso, esta escala de análise carrega em si uma dimensão histórica, porque os fenômenos trazem em si a história das pessoas que os produzem, (não são coisas de momento apenas) é, portanto social e como tal envolve gente, pessoas, que são sujeitos/cidadãos que ao viverem constroem os espaços. Esta escala que precisamos considerar diz respeito aos fenômenos sociais, mas não deixa de considerar também a escala da natureza que diz respeito a períodos longos de evolução da natureza. Tudo faz parte de uma complexidade que é a terra - ou mais precisamente é o mundo em que vivemos.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CALLAI e outros. Ensino de geografia- práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre. RS Editora Mediação. 2000.

CASTROGIOVANNI, A.C. CALLAI, H.C. SCHAFFER, N.O. KAERCHER, N.A. Geografia em sala de aula - práticas e reflexões. Porto Alegre. RS. UFRGS Editora. 1988.

CARROL, Lewis. Aventuras de Alice. Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1980.

GARCIA PÉREZ, F.F. El sentido de la educación como referente básico de la didáctica. Investigación en la escuela, 55, 7-27.

LACOSTE, Yves A geografia – isso serve – em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas SP. Papirus. 1988.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização- do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro- Record. 2000.

SAVATER, Fernando. El valor de educar. Barcelona (Espanha). Ariel. 2006.